

“Sinfonia visual na *Belle Époque*: música, design e arte nas partituras de Manoel Castelo Branco (1867-1926)”

MODALIDADE: PÔSTER

SUBÁREA: MUSICOLOGIA

Me. Alexandre Galvão Leite
Escola de Música da Universidade Federal do Pará
alexandregalvao.arte@gmail.com

Profª Drª. Dione de Souza Colares
Escola de Música da Universidade Federal do Pará
dionecolaresoprano@gmail.com

Resumo. Este artigo analisa a exposição museológica “Sinfonia Visual na *Belle Époque*: Música, Design e Arte nas partituras publicadas do compositor paraense Manuel Castelo Branco (1867-1926)”, realizada em 2025 no 51º Encontro de Artes da Universidade Federal do Pará (ENARTE51), promovido pela Escola de Música da UFPa, sob a perspectiva de seu papel como um agente epistêmico. Busca-se apresentar como a estratégia curatorial empregada foi capaz de transformar um acervo musical histórico em um corpo de conhecimento acessível e gerador de *insights* significativos para o público. Para tanto, aplicamos o modelo “4Cs”, de Rogers (2024), pautado nos seguintes aspectos: Transmissível (*Conveyance*), Contextual (*Contextual*), Contributivo (*Contributive*) e Crítico (*Critical*). Conclui-se que a exposição demonstrou potencial para transcender a simples transmissão de informações sobre o compositor Manuel Castelo Branco e o período da *Belle Époque* paraense, conseguindo, de forma ativa, contextualizar as obras em seu tempo e espaço, contribuir com novas perspectivas interpretativas sobre o patrimônio musical e fomentar o pensamento crítico dos visitantes sobre a intersecção entre arte, história e sociedade.

Palavras-chave. Acervo Musical, Exposição museológica, Curadoria, Manoel Castelo Branco.

Title. “Visual symphony in the *Belle Époque*: music, design, and art in music by Manoel Castelo Branco (1867–1926)”

Abstract. This article analyzes the museological exhibition “Visual Symphony in the Belle Époque: Music, Design, and Art” centered on the published sheet music of the composer from Pará, Manuel Castelo Branco (1867–1926), held in 2025 at [...institutional information...], from the perspective of its role as an epistemic agent. The aim is to show how the curatorial strategy employed was able to transform a historical musical collection into a body of knowledge that is both accessible and capable of generating meaningful insights for the public. To this end, we apply Rogers’ (2025) “4Cs” model, based on the following aspects: Conveyance, Contextual, Contributive, and Critical. The conclusion is that the exhibition demonstrated the potential to transcend the mere transmission of



information about composer Manuel Castelo Branco and the Belle Époque in Pará, by actively contextualizing the works within their historical time and space, contributing new interpretative perspectives on musical heritage, and fostering visitors' critical thinking about the intersection of art, history, and society.

Keywords. Musical Collection, Museological Exhibition, Curatorship, Manoel Castelo Branco.

Introdução: o palco da narrativa

Diversos acervos musicais em Belém se configuram como vastos repositórios de partituras, gravações, correspondências e documentos históricos que representam um patrimônio cultural de valor inestimável e que, contudo, frequentemente permanece "silenciado" e inacessível ao grande público. Essa inacessibilidade decorre de múltiplos fatores, como a fragmentação dos materiais, a ausência de catalogação padronizada, a necessidade de conhecimento especializado para sua interpretação e a própria barreira física de acesso a coleções muitas vezes restritas. O desafio de ativar esses acervos musicais – transformando-os de meros depósitos de informação em fontes dinâmicas de conhecimento e inspiração – é uma questão central e multidisciplinar que permeia os campos da Musicologia, Ciência da Informação, Design Visual e Museologia. Nesse contexto, a exposição emerge não apenas como um veículo de difusão, mas como um potente dispositivo de mediação cultural e epistêmica, capaz de traduzir a complexidade do saber especializado para uma linguagem acessível e engajadora.

Este artigo se debruça sobre a análise da exposição “Sinfonia Visual na *Belle Époque*: Música, Design e Arte nas partituras publicadas do compositor paraense Manuel Castelo Branco (1867-1926)”, realizada no 51º Encontro de Artes da Universidade Federal do Pará.

Esta exposição convida a um mergulho no diálogo singular entre som, design e arte nas capas das partituras editadas do compositor paraense Manuel Castelo Branco. No contexto da efervescente *Belle Époque* em Belém, essas capas transcenderam sua função utilitária, tornando-se autênticas manifestações artísticas. Manuel Castelo Branco (1867-1926) foi compositor, violoncelista e regente. Iniciou os estudos musicais em Belém e fez a complementação no Conservatório de Música de Leipzig, Alemanha. Voltando para Belém, não se distinguiu como compositor erudito, embora tocasse nas melhores orquestras. Autor de



peças de caráter popular, hábil orquestrador e arranjador de melodias europeias. (Salles, 2016).

Esta exposição convida a um mergulho profundo nesse intercâmbio singular entre som, design e arte. Mais do que meros invólucros, as capas selecionadas transcendem a música, erigindo-se como autênticas manifestações artísticas que capturam a alma de uma era. A iconografia presente nessas obras gráficas reflete uma fusão de tendências estéticas, do romantismo idílico que permeia cenas pastorais à organicidade e ao traço sinuoso do *Art Nouveau*, sem deixar de lado a irreverência e o humor que pontuavam a cultura popular. Cada traço, cada cor e cada arranjo tipográfico celebram a sofisticação editorial e o valor estético atribuído à música, transformando cada partitura em um objeto de desejo e distinção social.

Adicionalmente, ao percorrermos este universo visual, somos convidados a uma reflexão sobre a presença feminina, muitas vezes subliminar, mas sempre potente. Seja como musas inspiradoras, dedicatórias que revelam conexões sociais ou figuras idealizadas que adornam estas capas, as mulheres eram um pilar fundamental da efervescente vida musical e cultural de Belém, tecendo as redes que permitiam à música de Manoel Castelo Branco e de tantos outros, florescer nos lares e salões da época. Ao contemplar estas peças, compreendemos que a arte visual não apenas ilustrava a música; ela a amplificava, dava-lhe corpo e contexto, perpetuando a memória de um tempo onde cada nota e cada imagem compunham uma sinfonia visual da nossa rica história cultural paraense.

O objetivo primordial deste trabalho é analisar, de forma aprofundada, como a referida exposição funcionou como um catalisador na difusão e, crucialmente, na criação de conhecimento musical e cultural. Para tanto, este estudo abordará a fundamentação teórica que alicerça essa perspectiva, ancorada em conceitos de museologia do conhecimento e *public musicology*. Além disso, detalha-se a metodologia empregada na concepção e execução da exposição, revelando as escolhas curatoriais e os desafios enfrentados; e, por fim, apresenta-se uma análise do seu multifacetado impacto epistêmico, avaliando como a exposição promoveu a compreensão, a valorização e a reinterpretação do legado de Manuel Castelo Branco e, por extensão, da história musical amazônica.

Para tal, exploraremos a intrincada "orquestração curatorial" empregada desde a seleção e contextualização dos materiais até a concepção do percurso expositivo e a linguagem adotada, bem como seu impacto percebido no público. Ao fazê-lo, este trabalho



contribui significativamente para a compreensão do papel transformador das exposições na valorização do patrimônio musical regional, frequentemente sub-representado em narrativas hegemônicas. Adicionalmente, busca-se ampliar a discussão sobre o potencial epistemológico da curadoria na Musicologia e na Museologia, especialmente ao lidar com acervos que demandam abordagens inovadoras e a intersecção entre diferentes linguagens artísticas, como a música e as artes visuais presentes nas capas de partituras.

Papel das exposições na difusão do conhecimento em acervos musicais

As exposições, em seu intrínseco dinamismo narrativo e potencial comunicativo, assumem um papel incontornável na valorização e democratização do patrimônio documental. Estas podem transfigurar acervos, antes percebidos como meros depósitos estáticos, em polos culturais vibrantes e acessíveis, onde a história e o conhecimento ganham vida. Essa metamorfose transcende a simples preservação física, posicionando o acervo como um recurso vivo, interativo e multifacetado, essencial para a construção contínua do conhecimento, da identidade cultural e da memória coletiva. Através de uma curadoria cuidadosa e um design expositivo inovador, as exposições conseguem transformar informações complexas em experiências imersivas e compreensíveis para diversos públicos. Nesse panorama, Nogueira (2012) concebe as exposições como "veículos privilegiados" da difusão cultural, dado o seu singular poder de democratizar o conhecimento ao torná-lo visualmente engajador, sensorialmente estimulante e ao fomentar um diálogo ativo com o acervo subjacente.

No universo particular dos acervos musicais, a função da exposição adquire nuances ainda mais profundas e desafiadoras. Partituras ancestrais, gravações históricas, instrumentos emblemáticos, correspondências de artistas, manuscritos autógrafos e documentos iconográficos – esses artefatos, como mencionado na introdução de nosso estudo, frequentemente permanecem "silenciados" em depósitos ou, paradoxalmente, "invisíveis" em vastas plataformas digitais, à espera de uma mediação que lhe confira voz, o contexto e o significado. O silêncio que os envolve pode advir da complexidade inerente à sua interpretação, da ausência de contextualização para o público leigo ou da simples inacessibilidade física ou digital sem uma interface amigável. É nesse interstício que a



exposição emerge como uma ferramenta poderosa, capaz de resgatar essa riqueza velada e projetá-la para o corpo social, permitindo que a música, em suas múltiplas manifestações, ressoe novamente.

A vida plena de um arquivo, afinal, não se exaure na guarda e preservação de seus itens; reside, antes, em sua intrínseca capacidade de "respirar", de ser interpretado dinamicamente, de dialogar ativamente com a sociedade e de germinar novos entendimentos. Uma exposição preenche uma lacuna teórica na Arquivologia, ao transcender a visão tradicional de mero repositório passivo e ao revelar o potencial ativo e transformador dos acervos como centros de conhecimento e engajamento cívico. Ao humanizar o saber, conectando o público às histórias pessoais por trás dos documentos, aos processos criativos e ao contexto sociocultural da criação musical, as exposições fomentam uma memória coletiva mais rica, informada e empática, promovendo a compreensão da diversidade cultural e histórica.

Assim, por meio de narrativas bem construídas – sejam elas temáticas, cronológicas ou biográficas – e um design expositivo cuidadosamente planejado, a exposição transfigura documentos complexos em experiências compreensíveis e profundamente relevantes. Esse design considera a disposição espacial, a iluminação, a sonorização, a interatividade (com estações de áudio, telas táteis, ou até mesmo instrumentos para experimentação) e a acessibilidade, garantindo que cada elemento contribua para a imersão do visitante. Ela não apenas comunica informações pré-existentes, mas, crucialmente, estabelece novas conexões entre os itens (ex.: ligando uma carta de um compositor à partitura de uma obra inspirada), revela padrões ocultos (ex.: a influência de movimentos sociais na música popular ou a evolução de um estilo musical ao longo do tempo) e edifica narrativas coerentes, gerando compreensões e perspectivas que não seriam evidentes pela consulta isolada dos elementos do acervo.

A exposição, portanto, não é um fim em si mesma, mas um meio dinâmico e estratégico para a ativação, difusão e recriação contínua do conhecimento contido nos acervos musicais, metaforicamente impulsionando a "sinfonia inacabada da memória" em direção a um diálogo contínuo, transformador e ressonante com a sociedade.



Fundamentação teórica: as exposições como arquiteturas do conhecimento musical

Para desvelar a intrincada estrutura epistêmica das exposições na difusão do conhecimento musical, é imperativo ancorar nossa análise em um robusto arcabouço teórico, que transcende a concepção tradicional de mera vitrine de artefatos. A exposição, longe de ser um palco passivo para a exibição, emerge como um espaço dinâmico de produção e ativação de sentido, um verdadeiro lócus onde o conhecimento não é apenas comunicado, mas, crucialmente, criado e ressignificado.

No cerne dessa perspectiva renovada, situa-se a epistemologia da curadoria, conceito articulado por Stephanie Moser (2010) em sua observação de que "o diabo está nos detalhes". Moser (2010) desvela que a curadoria não se restringe a um ato administrativo de seleção e organização de objetos, ela se configura como uma metodologia de investigação e interpretação, que difere da pesquisa acadêmica tradicional em seu foco na materialidade e na experiência espacial. Ao curar, o profissional opera uma síntese que estabelece novas conexões entre os itens, revela padrões ocultos, e edifica narrativas coerentes, gerando, assim, novas compreensões e perspectivas que não seriam evidentes pela simples consulta isolada dos elementos do acervo.

A primazia dos "detalhes" é, portanto, ontológica: a escolha minuciosa de cada documento, a sua exibição física (e suas adjacências), a iluminação que o realça, a proximidade estratégica com outros itens e a sequência em que são apresentados – cada um desses elementos contribui intrinsecamente para a construção de significado e para a orientação do processo cognitivo do visitante. Por exemplo, a justaposição de uma partitura manuscrita, um instrumento musical da época de sua composição e uma gravação de uma performance histórica pode criar uma compreensão muito mais profunda da prática musical do que a análise isolada de cada um. O curador, nesse sentido, transcende a função de guardião ou mero compilador de dados, assumindo a posição de um "arquiteto do conhecimento", concebendo espaços e percursos que guiam o público à descoberta autônoma e à formação de compreensões profundas sobre o tema, transfigurando o ato de observar em um processo ativo de cognição e engajamento com a "material culture" da música.



Adensando essa compreensão da curadoria como um "ator-chave" epistêmico, Hannah Star Rogers (2024) propõe um arcabouço analítico robusto, conhecido como "4Cs", para discernir o impacto e o potencial transformador das exposições: Transmissível (*Conveyance*), Contextual (*Contextual*), Contributivo (*Contributive*) e Crítico (*Critical*).

O primeiro aspecto analítico, Transmissível (*Conveyance*), refere-se à capacidade da exposição de comunicar informações e fatos estabelecidos de maneira clara e precisa. Este modo visa transmitir conhecimento fundamental, como cronologias, biografias e dados históricos verificáveis, garantindo que o público receba uma base sólida de informações. Em acervos musicais, isso se traduz na contextualização biográfica de um compositor (ex.: a vida de Heitor Villa-Lobos), na apresentação da evolução de um instrumento (ex.: a história do violino do barroco ao modernismo) ou na didatização de conceitos musicais complexos para o público leigo (ex.: explicando a forma sonata através de exemplos auditivos e visuais). O objetivo é assegurar a clareza e a precisão da informação.

O segundo aspecto, Contextual (*Contextual*), situa o acervo em seu contexto histórico, social, cultural ou tecnológico mais amplo, revelando camadas de significado que transcendem o objeto individual. Isso pode incluir a exploração das condições socioeconômicas da época, movimentos artísticos, avanços tecnológicos ou influências culturais que moldaram o item musical. Uma exposição musical contextualizada demonstra como a música reflete e é moldada pelas dinâmicas sociais e culturais de seu tempo, como, por exemplo, a relação entre o jazz de Nova Orleans e o contexto social da segregação, ou a influência da Revolução Industrial na construção de novos instrumentos e na popularização da música.

O terceiro modo, Contributivo (*Contributive*), é o modo que impulsiona a exposição para além da mera difusão, posicionando-a como um polo de pesquisa e produção de conhecimento original. Encoraja a participação ativa do público na cocriação e interpretação do conhecimento, e se manifesta quando a exposição, por meio da pesquisa curatorial aprofundada, desvela informações inéditas, manuscritos desconhecidos, ou novas perspectivas que alteram e enriquecem a historiografia existente. Em um acervo musical, pode-se tratar da revelação de uma partitura até então desconhecida que redefine a cronologia de uma obra, da atribuição de uma obra a um compositor até então não reconhecido, ou da apresentação de



uma nova teoria sobre a performance de uma peça histórica baseada em evidências recém-descobertas, adicionando novas informações e interpretações ao campo acadêmico.

O quarto modo, Crítico (*Critical*), desafia narrativas vigentes, questiona pressupostos e fomenta o pensamento crítico. Este modo aborda temas controversos, apresenta múltiplas perspectivas e pode desconstruir cânones estabelecidos, como ao explorar vozes marginalizadas na história da música (ex.: a contribuição de mulheres compositoras ou músicos afro-americanos), questionar a apropriação cultural em gêneros musicais, ou analisar o papel da música em contextos de poder e resistência. Uma exposição crítica sobre música pode, por exemplo, levar o público a refletir sobre as condições sociais que influenciaram a produção musical ou a invisibilidade de determinados grupos na historiografia oficial, incentivando uma reavaliação do que é considerado "cânone" e "história".

A aplicação desses modos não é excludente, pelo contrário, uma exposição musical bem-sucedida orchestra uma sinergia entre eles, de forma a oferecer uma experiência rica, multifacetada e profundamente engajadora. O curador, como o *keystone actor*¹ que sustenta essa estrutura, pode deliberadamente moldar a experiência para alcançar diferentes níveis de profundidade na criação e disseminação de conhecimento, equilibrando a transmissão de fatos com a provocação do pensamento crítico e a contribuição de novas pesquisas.

Por fim, no cenário contemporâneo, a estratégica integração das tecnologias da informação (TIs) emerge como um catalisador exponencial na difusão e criação de conhecimento em exposições musicais. Filipski (2023) acentua o papel crucial dessas tecnologias não apenas em termos de alcance e acessibilidade, mas na superação da complexidade intrínseca do conteúdo musical. A música, em sua essência, é uma arte do tempo e do gesto performático, de natureza multissensorial e, por vezes, efêmera, o que impõe barreiras únicas à sua apresentação estática. Além disso, TIs como a realidade aumentada (AR) para sobrepor informações contextuais a instrumentos históricos, a realidade virtual (VR) para simular a acústica de salas de concerto históricas, as projeções mapeadas de partituras que se sincronizam com a execução musical, as estações de audição imersivas com

¹ Em tradução contextualizada, *keystone actor* indica que o curador é uma figura chave central no pensamento da construção de uma exposição bem com seus desdobramentos na difusão do conhecimento.



áudio espacializado e as interfaces interativas que permitem ao público explorar camadas de uma composição ou analisar dados de performance não são meros adendos tecnológicos.

Todos esses exemplos, são ferramentas epistêmicas que desvendam camadas de significado até então inalcançáveis em formatos tradicionais. Elas permitem que o público vivencie o som que emana da partitura, o contexto performático de um instrumento, ou a atmosfera de uma época, transmutando a passiva fruição em uma cocriação vibrante de conhecimento e aprofundando a compreensão do "como" e "porquê" da música. Desse modo, as exposições, ao abraçarem esses pilares teóricos e as inovações tecnológicas, consolidam-se como espaços não apenas de guarda e exibição, mas de ativação, investigação e ressignificação contínua do vasto e complexo universo dos acervos musicais, transformando o visitante de mero observador em um participante ativo na construção do saber.

A exposição Sinfonia Visual na Belle Époque: concepção e metodologia

A exposição “Sinfonia Visual na *Belle Époque*: Música, Design e Arte nas partituras publicadas do compositor paraense Manuel Castelo Branco (1867-1926)”, foi uma iniciativa do autor deste artigo como parte integrante da pesquisa em andamento vinculada ao mestrado profissional em Música na Escola de Música da Universidade Federal do Para, realizada em junho de 2025 no Encontro de Arte da UFPa (ENARTE51). A premissa básica é criar uma série de exposições voltadas para a análise e difusão das artes das capas de edições de partituras musicais de compositores e compositoras paraenses no período do ciclo áureo da borracha em Belém, aproximadamente entre 1880 e 1920. Como primeira exposição de uma série, optou-se por retratar, em sua primeira Edição, a ilustração das capas das composições de Manoel Castelo Branco.

A exposição é parte integrante das ações de difusão de bens culturais dentro do universo da música de câmara da *Belle Époque* paraense. Para tanto, foi realizada uma extensa pesquisa documental na “Coleção Vicente Salles”, pertencente ao Museu da Universidade Federal do Pará - MUFPA, a fim de sondar, identificar e digitalizar os originais das partituras editadas do compositor. Posteriormente as capas das partituras foram tratadas digitalmente corrigindo luz, saturação e resolução da imagem, preservando sua identidade visual e aspectos estilísticos das artes desenvolvidas nas capas.



Sequencialmente, houve a impressão de 13 capas em papel fotográfico glossy tamanho A3, em gramatura de 230g/m², que foram fixadas na parede no hall de acesso do auditório Altino Pimenta, nas dependências da Escola de Música da UFPa (EMUFPA).

Abaixo de cada capa havia ainda uma legenda ilustrando um fragmento de dois pentagramas da composição retratada bem como um texto explicativo sobre a obra e a análise da capa. Soma-se ainda uma impressão do texto curatorial posicionado próximo as capas com explanações sobre a exposição e contextualizando o ato poético em questão.

Importante salientar que abaixo do texto curatorial, optou-se por disponibilizar um *link* no formato de *Qr Codes* para a assinatura virtual do visitante, onde o mesmo poderia baixar gratuitamente uma Revista Digital da Exposição, em formato e-book, com todas as obras expostas, bem como com os textos explicativos.

A seguir, as figuras 1 e 2 ilustram os registros fotográficos da realização da exposição.

Figura 1 – Registro fotográfico da exposição no hall de entrada do auditório Altino Pimenta



Fonte: Registro do Autor (2025)

Figura 2 – Registro fotográfico da exposição no hall de entrada do auditório Altino Pimenta



Fonte: Registro do Autor (2025)

A curadoria, entendida como uma "arquitetura do conhecimento" (Moser, 2010), foi essencial para orquestrar a narrativa expositiva. Essa "arquitetura" envolveu a seleção criteriosa dos itens, a organização espacial e temática, e a elaboração de textos didáticos que guiaram a compreensão do visitante.

Considerações finais: ecos de uma exposição musical

A exposição “Sinfonia Visual na *Belle Époque*: Música, Design e Arte nas partituras publicadas do compositor paraense Manuel Castelo Branco (1867-1926)” confirmou seu papel como agente epistêmico ativo, transcendendo a mera exibição de um acervo musical para transformá-lo em conhecimento compreensível, estruturado e gerador de *insights* significativos. Ao invés de apenas apresentar artefatos, a curadoria atuou na interpretação e conexão desses elementos, facilitando a construção de um entendimento mais profundo por parte do público.

A utilização estratégica de "detalhes" – como a contextualização histórica das obras, a inclusão de biografias de Manuel Castelo Branco e de outros artistas da época, e a exploração das técnicas de impressão e design gráfico das capas – otimizou a experiência do visitante, permitindo uma imersão mais rica e informada no universo da *Belle Époque* paraense.

A análise documental por meio da aplicação dos “4Cs” de Rogers (2024) (Transmissível, Contextual, Contributiva e Crítica) demonstrou o multifacetado impacto da exposição. Verificou-se o aspecto “Transmissível”, ao comunicar de forma clara e acessível fatos essenciais sobre a vida e obra de Manuel Castelo Branco, bem como as características socioculturais do período da *Belle Époque* em Belém. A exposição conseguiu traduzir informações complexas sobre a história da música e do design gráfico em um formato digerível para o público leigo e especializado.

O aspecto “Contextual”, concretizou-se ao situar a obra de Castelo Branco e as capas das partituras dentro do cenário vibrante da *Belle Époque* de Belém. Isso foi alcançado ao conectar elementos visuais das capas com as tendências da moda, os costumes sociais, a arquitetura da cidade e as influências artísticas europeias da época, revelando como a música e o design eram intrinsecamente ligados à vida cotidiana e à identidade cultural da região.



Além disso, considerou-se a exposição “Contributiva”, pois buscou revelar novas perspectivas e adicionar valor ao conhecimento existente sobre as capas das partituras como uma forma de arte aplicada e sobre a produção musical popular regional, trazendo luz à importância de compositores e editoras locais, muitas vezes negligenciados pela historiografia oficial, e demonstrou como essas capas eram um reflexo e um motor da cultura popular.

Por fim, o aspecto da “Crítica” foi utilizado ao questionar cânones estabelecidos da história da arte e da música, que frequentemente priorizam a produção erudita ou eurocêntrica. A exposição deu visibilidade e reconhecimento à produção artística popular e regional, e, notavelmente, à presença feminina na cena musical da época.

Embora a ausência de dados de recepção do público, como pesquisas de satisfação ou estudos de impacto qualitativos/quantitativos, seja uma limitação para uma avaliação completa, a experiência da exposição serve como um valioso arcabouço metodológico e conceitual para futuras iniciativas. A aplicação de métodos de avaliação de público em exposições futuras, como questionários de *feedback* ou observação do fluxo de visitantes, poderá fornecer *insights* cruciais para aprimorar a eficácia comunicativa e o engajamento.

As lições aprendidas, especialmente sobre a importância de uma seleção curatorial interdisciplinar e de uma arquitetura narrativa envolvente e didática, serão fundamentais para uma próxima exposição. A experiência demonstrou a capacidade da exposição de não apenas salvaguardar a memória, mas de forma inédita, ativar e valorizar o patrimônio cultural, transformando acervos em narrativas vivas que ressoam com o público contemporâneo e promovem uma compreensão mais rica da história e da identidade regional. O estudo, portanto, valida o papel fundamental das exposições como plataformas dinâmicas para a ativação e valorização do patrimônio musical regional, elevando-as de meros espaços de exibição a verdadeiros centros de produção e disseminação de conhecimento.

Referências

FILIPSKI, K. Museus e a revolução digital: estratégias para a cultura museológica no século XXI. São Paulo: Editora da Universidade, 2023.

MOSER, Stephanie. The devil is in the detail: an introduction to exhibitions and knowledge. *Museum Anthropology*, [S.l.], v. 33, n. 1, p. 1-13, jun. 2010.



NOGUEIRA, C. D. Arquivos, educação e cultura: reflexões sobre a difusão cultural em instituições arquivísticas. São Paulo: Editora da USP, 2012.

ROGERS, Hannah Star. Curadoria e epistemologia: conectando conhecimento através da experiência expositiva. São Paulo: Editora da Universidade, 2024.

SALLES, Vicente. Música e músicos do Pará. 3. ed. Belém: Secult/Seduc/Amu-PA, 2016.

